

Autora da série As Sete Irmãs

LUCINDA RILEY

A ROSA DA
MEIA-NOITE



"Lucinda Riley é uma das autoras mais poderosas da ficção histórica." – Historical Novel Society

Título original: *The Midnight Rose*

Copyright © 2014 por Lucinda Riley

Copyright da tradução © 2021 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Fernanda Abreu

preparo de originais: Mariana Gouvêa

revisão: Ana Grillo e Raphani Margiotta

diagramação: Abreu's System

capa: Duat Design

imagens de capa: Getty Images – Amir Ghasemi (alvorada no Taj Mahal);
Shutterstock – Yury Taranik (Hawa Mahal), Andrey Khrobostov (Forte de Amber),
Charcompix (céu em tons pastel) e Kurkul (decoreação de entrada do Palácio de Jaipur)

impressão e acabamento: Lis Gráfica e Editora Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R43r

Riley, Lucinda, 1966-

A rosa da meia-noite / Lucinda Riley ; [tradução Fernanda Abreu].

– 1. ed. – São Paulo : Arqueiro, 2021.

544 p. ; 23 cm.

Tradução de : The midnight rose

ISBN 978-65-5565-061-7

1. Ficção irlandesa. I. Abreu, Fernanda. II. Título.

20-67479

CDD: 828.99153

CDU: 82-3(417)

Camila Donis Hartmann – Bibliotecária – CRB-7/6472

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Leonora

*Que meus pensamentos lhe venham depois que eu partir, como
o brilho que resta do poente na borda do silêncio estrelado.*

RABINDRANATH TAGORE

Darjeeling, Índia

Fevereiro de 2000

Prólogo

Anahita

Hoje completo 100 anos. Não apenas consegui sobreviver a um século como vi um novo milênio chegar.

Enquanto vejo a aurora irromper e o sol começar a nascer atrás do monte Katchenjunga diante da minha janela, deitada sobre os travesseiros, sorrio por causa do absoluto ridículo dessa ideia. Se eu fosse um móvel, uma cadeira elegante, por exemplo, seria chamada de antiguidade. Seria encerada, restaurada e exibida com orgulho como uma bela peça. Infelizmente, não é o caso da minha estrutura humana, que, ao contrário de uma bela peça de mogno, não foi melhorando ao longo da vida. Em vez disso, meu corpo se deteriorou até virar um saco de juta flácido com uma coleção de ossos dentro.

Toda “beleza” que poderia ser considerada de valor em mim está escondida bem lá no fundo. Ela consiste na sabedoria adquirida ao longo de cem anos vividos nesta terra e num coração que bateu em ritmo constante para todas as emoções e comportamentos humanos que se pode imaginar.

Há cem anos, exatamente no dia de hoje, meus pais consultaram um astrólogo para conhecer o futuro de sua filhinha recém-nascida, como fazem todos os indianos. Acho que ainda tenho as previsões do vidente entre os poucos objetos que guardei da minha mãe. Lembro-me de meus pais me dizerem que eu teria uma vida longa, mas suponho que em 1900 eles tenham imaginado que isso significasse, com as bênçãos dos deuses, que eu viveria até os 50 e poucos anos.

Ouçõ batidas suaves à porta. É Keva, minha fiel empregada, munida de uma bandeja de chá English Breakfast e de uma jarriinha de leite frio. Tomar chá à moda dos ingleses é um hábito que nunca consegui abandonar, muito embora já viva na Índia – e em Darjeeling – há 78 anos.

Não atendo à batida de Keva, pois nesta manhã específica prefiro ficar

sozinha mais um pouco com meus pensamentos. Ela sem dúvida vai querer conversar sobre os acontecimentos do dia e ficará ansiosa para me ajudar a levantar, tomar banho e me vestir antes de os meus parentes começarem a chegar.

Enquanto o sol começa a dissipar as nuvens que encobrem as montanhas encimadas de neve, vasculho o firmamento azul em busca da resposta à qual venho implorando aos céus todas as manhãs nos últimos 78 anos.

Hoje, por favor, imploro aos deuses, pois soube, a cada hora que passou desde a última vez que vi meu filho, que ele ainda respira em algum lugar deste planeta. Se tivesse morrido, eu teria sabido no ato, como aconteceu a cada vez que uma pessoa que amei na vida partiu.

Meus olhos ficam marejados e viro a cabeça para a mesa de cabeceira junto à cama para examinar a única fotografia que tenho dele, um menino de 2 anos sorridente e com cara de querubim sentado no meu colo. Foi minha amiga Indira quem me deu a foto, junto com o seu atestado de óbito, algumas semanas depois de eu ser informada sobre a morte do meu filho.

Em outra vida, penso eu. A verdade é que meu filho agora também é um velho. Vai comemorar seu octogésimo primeiro aniversário em outubro deste ano. No entanto, mesmo com a *minha* capacidade de imaginação, me é impossível vê-lo dessa forma.

Com determinação, tiro os olhos da imagem do meu filho, sabendo que neste dia mereço desfrutar a celebração que minha família planejou para mim. Por outro lado, nessas ocasiões em que vejo minha outra filha e os seus filhos, e os filhos dos seus filhos, a ausência do meu filho só faz alimentar a dor no meu coração e me lembrar que ele sempre faltou.

Eles acreditam, claro, e sempre acreditaram que meu filho morreu 78 anos atrás.

– Maaji, olhe aqui, você tem até o atestado de óbito dele! Deixe-o descansar – diria minha filha Muna, com um suspiro. – Aproveite seus familiares que estão vivos.

Depois de tantos anos, entendo que Muna se sinta frustrada comigo. E é claro que ela tem o direito de se frustrar. Ela quer ser suficiente, apenas ela. Mas um filho perdido é algo que nunca pode ser substituído no coração de uma mãe.

Então hoje tudo vai ser como a minha filha quer. Vou me sentar na minha poltrona e aproveitar a visão da dinastia que gerei. Não vou entediá-los com

minhas histórias sobre a Índia. Quando eles chegarem em seus velozes jipes ocidentais, com seus filhos brincando em aparelhos movidos a bateria, não vou lhes lembrar como Indira e eu costumávamos subir a cavalo as íngremes colinas ao redor de Darjeeling, ou que eletricidade e água corrente em qualquer casa já foram uma raridade, ou como eu devorava qualquer livro caindo aos pedaços em que pusesse as mãos. Os jovens se irritam com histórias do passado; desejam viver apenas no presente, exatamente como eu fazia quando tinha a idade deles.

Imagino que a maior parte da minha família não está exatamente empolgada com a ideia de atravessar metade da Índia de avião para visitar a bisavó em seu centésimo aniversário, mas talvez eu esteja sendo dura com eles. Nos últimos anos venho pensando muito no motivo de os jovens parecerem pouco à vontade na companhia dos velhos; eles poderiam aprender muitas coisas que precisam saber conosco. E concluí que o desconforto vem do fato de que a nossa frágil presença os torna conscientes do que o futuro lhes reserva. Tudo que eles conseguem ver, na plena potência de sua força e beleza, é como um dia também acabarão diminuídos. Não sabem o que vão ganhar.

Como eles podem começar a ver dentro de nós? Entender como a alma deles vai se desenvolver, como a impetuosidade será domada e os pensamentos egoístas serão enfraquecidos pela experiência dos anos?

Mas aceito que assim é a natureza, em toda a sua gloriosa complexidade. Já não a questiono mais.

Quando Keva bate pela segunda vez à porta, eu a deixo entrar. Ela vai falando comigo depressa em híndi enquanto tomo meu chá e recito os nomes dos meus quatro netos e onze bisnetos. Aos 100 anos, a pessoa pelo menos quer provar que ainda está com a mente funcionando cem por cento.

Todos os quatro netos que minha filha me deu se tornaram pais e mães bem-sucedidos e amorosos. Eles prosperaram no novo mundo após a independência da Índia em relação à Inglaterra, e seus filhos levaram isso mais longe ainda. Até onde me lembro, pelo menos seis deles abriram os próprios negócios ou exercem alguma profissão. Egoísta que sou, gostaria que um de meus descendentes tivesse demonstrado interesse pela medicina e seguido meus passos, mas entendo que não posso ter tudo.

Enquanto Keva me ajuda a ir até o banheiro para tomar banho, penso que minha família teve a seu favor uma mistura de sorte, inteligência e vínculos familiares. E que minha amada Índia decerto ainda vai ter de esperar mais

um século até que os milhões que ainda morrem de fome nas ruas consigam conquistar o mínimo de seus direitos humanos básicos. Dei o melhor de mim para ajudar ao longo dos anos, mas sei que meus esforços são apenas uma gota no oceano contra uma furiosa maré de pobreza e privação.

Sentada pacientemente enquanto Keva me veste um sári novo (presente de aniversário de minha filha, Muna), decido não ter esses pensamentos melancólicos no dia de hoje. Tentei o quanto pude melhorar a vida das pessoas com quem tive contato, e preciso me contentar com isso.

– A senhora está linda, madame Chavan.

Olho para meu reflexo no espelho e sei que ela está mentindo, mas a amo por isso. Meus dedos tocam as pérolas que há quase oitenta anos rodeiam meu pescoço. No meu testamento, eu as deixei para Muna.

– Sua filha vai chegar às onze, e o resto da família, ao meio-dia. Onde quer que eu deixe a senhora até lá?

Eu lhe sorrio e me sinto bem parecida com uma cadeira de mogno.

– Pode me deixar na janela. Quero olhar para as minhas montanhas – respondo.

Ela me ajuda a levantar, me guia com cuidado até a poltrona e me senta.

– Posso lhe trazer mais alguma coisa, madame?

– Não. Vá à cozinha e se certifique de que aquele nosso cozinheiro está com o cardápio do almoço sob controle.

– Sim, madame.

Ela pega minha sineta na mesa de cabeceira e a põe sobre a mesa ao meu lado, então se retira em silêncio.

Viro o rosto para o sol que está começando a entrar pelas grandes janelas retangulares da minha casa no alto do morro. Enquanto deixo ele me aquecer, como se eu fosse um gato, recordo os amigos que já partiram e que não estarão aqui hoje para comemorar. Indira, minha amiga mais amada, morreu faz mais de quinze anos. Confesso que foi uma das poucas vezes na vida em que desabei e chorei descontroladamente. Nem mesmo minha dedicada filha pôde igualar o amor e a amizade que Indira teve por mim. Autocentrada e inconstante até seu último suspiro, ela esteve a meu lado sempre que precisei dela.

Olho para a escrivanhinha posicionada na alcova à minha frente, e não consigo evitar pensar no que está escondido dentro de sua gaveta trancada. É uma carta com mais de trezentas páginas. Ela foi escrita para o meu amado filho e conta a história da minha vida desde o início. Conforme os anos iam

passando, comecei a ficar com medo de esquecer os detalhes, de que eles se tornassem um borrão indistinto na minha mente como a película de um filme mudo em preto e branco. Se, como até hoje acredito, meu filho estiver vivo e algum dia voltar para mim, quero poder lhe apresentar a história da sua mãe e do seu amor eterno pelo filho que perdeu. E os motivos pelos quais ela precisou deixá-lo...

Comecei a escrever a carta na meia-idade; na época, acreditava que poderia morrer a qualquer momento. E ali está ela há quase cinquenta anos, intocada e jamais lida, porque meu filho nunca veio ao meu encontro e eu ainda não o encontrei.

Nem minha filha conhece a história da minha vida antes da sua chegada neste mundo. Às vezes me sinto culpada por nunca ter lhe revelado a verdade. Mas acredito que baste o fato de ela ter conhecido meu amor, quando ao seu irmão este foi negado.

Olho para a escrivadinha, e na minha imaginação vejo a pilha de papel amarelado lá dentro. E peço aos deuses que me guiem. Quando eu morrer, o que com certeza acontecerá em breve, ficaria horrorizada se isso caísse nas mãos erradas. Avalio por alguns segundos se deveria acender uma fogueira e pedir a Keva que atire nela os papéis. Mas não, penso, balançando a cabeça instintivamente. Não posso fazer isso, só para o caso de talvez vir a encontrar meu filho. Ainda resta esperança. Afinal, eu vivi até os 100 anos; posso muito bem viver mais dez.

Mas a quem confiar o manuscrito até lá, só por garantia...?

Examino mentalmente os membros da minha família, geração por geração. A cada nome, paro e fico à escuta de uma orientação. E o nome que me detém é o de um de meus bisnetos.

Ari Malik, filho mais velho de meu neto mais velho, Vivek. Dou uma risadinha enquanto um arrepio sobe pela minha espinha – o sinal recebido daqueles lá de cima, que compreendem bem mais do que eu jamais compreenderei. Ari, o único de meus descendentes a ter sido abençoado com olhos azuis além do amado filho que perdi.

Concentro-me com esforço para recordar seus detalhes; são onze bisnetos, penso para me reconfortar, e até mesmo alguém com metade dos meus anos teria dificuldade para se lembrar. Além do mais, eles atualmente vivem espalhados por toda a Índia, e quase não os vejo.

De todos os meus netos, Vivek, pai de Ari, foi o mais bem-sucedido fi-

nanceiramente. Ele sempre foi inteligente, ainda que um pouco sem sal. É engenheiro e ganhou dinheiro suficiente para proporcionar à esposa e aos três filhos uma vida muito confortável. Ari estudou na Inglaterra, se não me engano. Sempre foi um rapaz brilhante, embora me escape o que exatamente tem feito desde que concluiu os estudos. Hoje vou descobrir. Vou observá-lo. E tenho certeza de que saberei se minha intuição de agora está certa.

Com isso resolvido, e me sentindo mais calma agora que talvez haja uma solução para o meu dilema, fecho os olhos e me permito cochilar.



– Onde ele está? – sussurrou Samina Malik para o marido. – Ele me jurou que não ia chegar atrasado hoje.

Ela correu os olhos pelos outros membros da família estendida de Anahita, todos presentes. Eles rodeavam a velha senhora no elegante salão de sua casa, cobrindo-a de presentes e elogios.

– Não entre em pânico, Samina. Nosso filho vai chegar – disse Vivek tentando tranquilizar a mulher.

– Ari disse que nos encontraria na estação para podermos subir o morro todos juntos em família às dez da manhã... Eu juro a você, Vivek, esse menino não tem respeito pela família...

– Shh, *pyari*, ele é um rapaz ocupado. Além do mais, é um bom menino.

– Você acha? – perguntou Samina. – Eu não tenho tanta certeza. Toda vez que ligo para o apartamento dele atende uma voz de mulher diferente. Você sabe como é lá em Mumbai... cheio daquelas atrizes baratas de Bollywood – sussurrou ela, sem querer que nenhum outro membro da família escutasse a conversa.

– Sim, e nosso filho agora está com 25 anos e tem o próprio negócio. Ele pode cuidar de si – respondeu Vivek.

– Os garçons estão esperando que ele chegue para poderem trazer o champanhe e brindar. Keva está com medo de a sua avó ficar cansada se esperarmos demais. – Samina suspirou. – Se Ari não chegar em dez minutos vou dizer para continuar sem ele.

– Eu falei que você não precisava fazer isso – disse Vivek, abrindo um largo sorriso ao mesmo tempo que seu filho preferido adentrava o recinto. – Sua mãe estava em pânico, como sempre – confidenciou ele para Ari, sorrindo e o envolvendo num abraço caloroso.

– Você prometeu nos encontrar na estação. Nós esperamos uma hora! Onde você estava? – Samina franziu o cenho para seu belo filho, mas, como de costume, sabia que aquela era uma batalha perdida contra o seu charme.

– Me perdoe, Ma. – Ari abriu um sorriso irresistível para a mãe e tomou-lhe as mãos. – Eu me atrasei. Tentei ligar para o seu celular, mas estava desligado, para variar.

Ari e o pai trocaram um sorriso debochado. A incapacidade de Samina de usar o celular era uma piada na família.

– Enfim, agora estou aqui – disse ele, e correu os olhos pelo resto do seu clã. – Perdi alguma coisa?

– Não, sua bisavó ficou muito ocupada cumprimentando o resto da família, então vamos torcer para ela não ter reparado que você chegou tarde – respondeu Vivek.

Ari se virou e olhou por entre os parentes reunidos até encontrar a matriarca cujos genes haviam entremeadado fios invisíveis unindo as várias gerações. Ao fazê-lo, viu os olhos brilhantes e curiosos de Anahita cravados nele.

– Ari! Até que enfim você resolveu se juntar a nós. – Ela sorriu. – Venha dar um beijo na sua bisavó.

– Ela pode estar fazendo 100 anos hoje, mas não deixa passar nada – sussurrou Samina para Vivek.

Quando Anahita abriu os braços frágeis para Ari, os parentes reunidos abriram espaço, e todos os olhos do recinto se voltaram para ele. Ari foi até ela, ajoelhou-se na sua frente, demonstrou respeito com um *pranaam* profundo e aguardou sua bênção.

– Nani – cumprimentou-a, usando o apelido afetuoso que todos os netos e bisnetos usavam para chamá-la. – Me perdoe o atraso. A viagem de Mumbai até aqui é longa – explicou ele.

Ao erguer os olhos, pôde ver os dela cravados nele do jeito singular que ela sempre fazia, como se estivesse lendo sua alma.

– Não faz mal – disse ela, e tocou sua bochecha com dedos emaciados que pareciam os de uma criança; era como o leve roçar de uma asa de borboleta. Ela baixou a voz para um sussurro de modo que apenas ele pudesse escutar: – Mas eu sempre acho útil verificar na noite anterior se programei o alarme para a hora certa. – Ela lhe deu uma piscadela discreta, então indicou que ele podia se levantar. – Conversamos mais tarde. Vejo que Keva está ansiosa para dar início aos trabalhos.

– Sim, Nani, claro – assentiu Ari, e sentiu um rubor lhe subir às faces ao ficar em pé. – Parabéns.

Ao caminhar de volta em direção aos pais, Ari se perguntou como a bisavó sabia o motivo exato do seu atraso.

O dia avançou conforme previsto, e Vivek, o mais velho dos netos de Anahita, fez um discurso comovente sobre a vida notável da avó. Com o champanhe servido à larga, as línguas se soltaram e a tensão característica de uma família reunida após muito tempo sem se ver começou a se dissipar. O lado naturalmente competitivo dos irmãos se suavizou à medida que eles foram reassumindo seus lugares na hierarquia familiar, e os primos mais novos perderam a timidez e encontraram suas afinidades.

– Veja só seu filho! – comentou Muna, filha de Anahita, com Vivek. – As primas estão todas dando em cima dele. Daqui a pouco está na hora de ele começar a pensar em casamento – acrescentou ela.

– Duvido que ele queira – resmungou Samina para a sogra. – Hoje os rapazes só sossegam bem depois dos 30.

– Quer dizer que vocês não vão arrumar nada para ele? – perguntou Muna.

– Vamos, claro, mas eu duvido que ele vá aceitar – admitiu Vivek. – Ari pertence a uma nova geração, é dono do seu nariz. Tem a própria empresa e vive viajando pelo mundo. Os tempos mudaram, Ma, e Samina e eu precisamos dar aos nossos filhos certa liberdade para escolher seus parceiros.

– É mesmo? – Muna arqueou uma sobrancelha. – Que moderno da sua parte, Vivek. Afinal de contas, vocês dois não se deram tão mal assim juntos.

– Sim, Ma – concordou ele, segurando a mão da esposa. – Você escolheu bem por mim. – Ele sorriu.

– Mas nós estamos nadando contra uma maré impossível de vencer – disse Samina. – Os jovens de hoje só fazem o que querem e tomam as próprias decisões.

Querendo mudar de assunto, ela olhou para Anahita do outro lado da sala.

– Sua mãe parece estar gostando da comemoração – comentou com Muna. – Ela é mesmo um milagre, um assombro da natureza.

– Sim, mas eu fico preocupada com ela aqui no alto das montanhas só com Keva para ajudar – desabafou Muna. – Faz muito frio no inverno, e

isso pode não ser bom para os velhos ossos dela. Já a chamei muitas vezes para ir morar conosco em Guhagar, assim poderíamos cuidar dela. Mas ela se recusa. Diz que aqui em cima se sente mais próxima dos seus espíritos, e do seu passado também, claro.

– Do seu passado *misterioso*. – Vivek arqueou uma sobrancelha. – Ma, você acha que um dia vai conseguir convencê-la a lhe contar quem era o seu pai? Sei que ele morreu antes de você nascer, mas os detalhes para mim sempre foram meio nebulosos.

– Isso tinha importância quando eu era mais nova, e me lembro de bombardeá-la com perguntas, mas agora... – Muna deu de ombros. – Se ela quer guardar segredo, que guarde. Não poderia ter sido uma mãe mais amorosa comigo, e eu não quero chateá-la.

Ao olhar com ternura para a mãe, Anahita cruzou seu olhar e chamou a filha com um aceno.

– Sim, Maaji, o que foi? – perguntou ela ao chegar lá.

– Estou um pouco cansada. – Anahita disfarçou um bocejo. – Preciso descansar. E daqui a uma hora quero que você leve meu bisneto Ari para falar comigo.

– Claro. – Muna ajudou a mãe a se levantar e a caminhar entre os parentes. Atenta como sempre junto à patroa, Keva se adiantou. – Minha mãe quer descansar, Keva. Pode levá-la e acomodá-la?

– Com certeza. O dia foi longo.

Muna observou as duas se retirarem e voltou para junto de Vivek e Samina.

– Ela vai descansar um pouco, mas me perguntou se Ari pode ir falar com ela daqui a uma hora.

– É mesmo? – Vivek franziu o cenho. – Por que será?

– Quem pode saber o que passa na cabeça da minha mãe? – retrucou Muna com um suspiro.

– Bem, é melhor eu avisá-lo, pois ele estava falando em ir embora daqui a pouco. Tem uma reunião de trabalho em Mumbai amanhã cedo.

– Desta vez, para variar um pouco, a família vai vir em primeiro lugar – disse Samina com firmeza. – Vou atrás dele.

Conforme seu pai previra, quando Ari soube pela mãe que a bisavó desejava conversar com ele dali a uma hora, não ficou nada contente.

– Eu não posso perder esse voo – explicou. – Ma, você precisa entender que eu tenho uma empresa para administrar.

– Nesse caso vou pedir ao seu pai que avise à avó dele que, no seu aniversário de 100 anos, o neto mais velho não conseguiu atender seu pedido de ir falar com ela.

– Mas, Ma... – Ari viu a expressão triste de Samina e suspirou. – Tudo bem – assentiu. – Eu fico. Com licença, preciso achar sinal em algum lugar por aqui para dar um telefonema e adiar a reunião.

Samina ficou observando o filho se afastar dela encarando com atenção o celular. Ari tinha sido um menino decidido desde o dia em que nascera, e ela sem dúvida havia mimado seu primogênito, como qualquer outra mãe. Ele sempre fora especial, desde o instante em que abriu os olhos e ela encarara chocada sua cor azul. Vivek a havia provocado insistentemente por causa disso, questionando a fidelidade da esposa – até eles visitarem Anahita e ela lhes contar que o falecido pai de Muna tinha os olhos da mesma cor.

Ari tinha a pele mais clara que a dos outros irmãos e sua bela aparência sempre chamara atenção. Com todos os olhares que havia atraído ao longo de seus 25 anos, não restava dúvida de que havia nele certa arrogância. Mas sua salvação sempre fora sua personalidade doce. De todos os filhos de Samina, Ari sempre fora o mais amoroso com ela, indo ao seu encontro assim que surgia um problema. Até o dia em que partiu rumo a Mumbai e anunciou que estava abrindo uma empresa...

Nos últimos tempos, o Ari que visitava a família parecia mais duro, auto-centrado, e, para ser bem sincera, Samina constatava que gostava cada vez menos dessa versão do filho. Ao caminhar de volta em direção ao marido, rezou para que aquilo fosse só uma fase.



– Meu bisneto pode entrar agora – anunciou Anahita enquanto Keva a ajudava a se sentar na cama e afofava os travesseiros atrás da sua cabeça.

– Sim, madame. Vou chamá-lo.

– E não quero que nos incomodem.

– Sim, madame.

– Boa tarde, Nani – disse Ari ao entrar no quarto com o passo acelerado poucos segundos depois. – Espero que esteja mais descansada.

– Sim. – Anahita apontou para a cadeira. – Sente-se, Ari, por favor. E me desculpe atrapalhar sua agenda de trabalho para amanhã.

– Imagine. – Ari sentiu o rosto corar pela segunda vez naquele dia. – Não

tem problema nenhum – disse ele, enquanto a observava fitando-o com seu olhar penetrante.

– Seu pai me disse que você está morando em Mumbai e tem uma empresa de sucesso.

– Bem, eu não a descreveria como uma empresa de sucesso neste momento – admitiu Ari. – Mas estou trabalhando muito duro para que venha a ter sucesso no futuro.

– Posso ver que você é um rapaz ambicioso. E tenho certeza de que um dia o seu negócio dará os frutos que você espera.

– Obrigado, Nani.

Ari observou a bisavó abrir um esboço de sorriso.

– É claro que isso talvez não lhe traga a felicidade que você acredita que trará. A vida é mais do que trabalho e riqueza. Mas isso cabe a você descobrir – acrescentou ela. – Ari, eu quero lhe dar uma coisa. Por favor, abra a escrivadinha com esta chave e pegue a pilha de papéis que está lá dentro.

Ari pegou a chave da mão da bisavó, girou-a na fechadura e tirou de dentro do móvel um manuscrito velho.

– O que é isto?

– É a história da vida da sua bisavó. Eu a escrevi para guardar um registro para o filho que perdi. Infelizmente nunca o encontrei.

Ari viu os olhos de Anahita ficarem marejados. Anos atrás, seu pai havia lhe contado sobre o filho da bisavó que morrera ainda pequeno na Inglaterra, quando ela estivera lá durante a Grande Guerra. Se não lhe falhava a memória, achava que ela fora obrigada a deixá-lo ao retornar para a Índia. Pelo visto Anahita se recusara a acreditar que o filho tivesse morrido.

– Mas eu pensei...

– Sim. Tenho certeza de que lhe falaram que eu recebi o atestado de óbito dele. E sou apenas uma mãe triste e quiçá louca que não consegue aceitar a morte do filho.

Ari se remexeu na cadeira, constrangido.

– É, eu escutei a história – admitiu.

– Eu sei o que a minha família acha, e o que você provavelmente também acha – disse Anahita com firmeza. – Mas acredite: existem mais coisas entre o céu e a terra do que se pode explicar com um documento criado pelo homem. Existe um coração de mãe, e a sua alma, que lhe dizem coisas impossíveis de ignorar. E posso lhe afirmar que o meu filho não morreu.

– Eu acredito em você, Nani.

– Entendo que não acredite. – Anahita deu de ombros. – Eu não me importo. Mas é em parte por minha culpa que minha família não acredita em mim. Eu nunca lhes expliquei o que aconteceu tantos anos atrás.

– Por quê?

– Porque... – Anahita olhou pela janela para suas amadas montanhas. Balançou de leve a cabeça. – Não posso contar para você agora. Está tudo escrito aí. – Ela apontou com um dedo para as folhas que Ari segurava. – Quando chegar a hora certa, e você vai saber quando for, talvez você leia a minha história. E então vai decidir por si mesmo se quer investigá-la ou não.

– Entendo – disse Ari, apesar de não estar entendendo.

– Tudo que lhe peço é que não revele o conteúdo para ninguém da nossa família até eu morrer. É a minha vida que eu estou lhe confiando, Ari. Como você sabe... – Anahita fez uma pausa. – Infelizmente meu tempo neste mundo está acabando.

Ari a encarou, sem saber ao certo o que a bisavó queria que ele fizesse.

– Você quer que eu leia isso e depois investigue o paradeiro do seu filho? – perguntou ele.

– Sim.

– Mas por onde eu iria começar?

– Pela Inglaterra, claro. – Anahita o encarou. – Você reconstituiria os meus passos. Tudo que precisa saber está na palma das suas mãos. Além do mais, seu pai me disse que você comanda algum tipo de empresa de informática. Você, mais do que ninguém, tem a teia à sua disposição.

– A rede, você quer dizer? – Ari conteve uma risadinha.

– Sim, a rede, então tenho certeza de que só demoraria alguns segundos para encontrar o lugar onde tudo começou – concluiu Anahita.

Ari acompanhou o olhar da bisavó em direção às montanhas do outro lado da janela.

– É uma vista linda – falou, na falta de algo melhor para dizer.

– Sim, e é por isso que eu fico aqui, mesmo que a minha filha não aprove. Um dia, em breve, viajarei lá para cima, muito além daqueles cumes, e ficarei feliz com isso. Lá vou encontrar muitas pessoas cujas mortes lamentei ao longo da vida. Menos, naturalmente... – O olhar de Anahita recaiu uma vez mais sobre o bisneto. – ... aquele que mais desejo ver.

– Como você sabe que ele ainda está vivo?

Os olhos de Anahita voltaram à paisagem, e ela então os fechou, cansada.

– Como eu disse, está tudo na minha história.

– Claro. – Ari compreendeu que estava dispensado. – Vou deixá-la descansar então, Nani.

Anahita aquiesceu. Ari se levantou, fez um *pranaam* e beijou a bisavó nas duas bochechas.

– Até logo. E tenho certeza de que vou vê-la em breve – falou, indo até a porta.

– Pode ser – respondeu ela.

Quando estava prestes a sair do quarto, Ari se virou de repente, por instinto.

– Por que eu, Nani? Por que não entregar esta história para a sua filha ou para o meu pai?

Anahita o encarou.

– Porque a história que você está segurando nas mãos pode ser o meu passado, Ari, mas também é o seu futuro.

Ari saiu do quarto sentindo-se exausto. Atravessou os cômodos da casa e foi direto para o cabide de casacos perto da porta principal, ao pé do qual tinha deixado sua pasta de trabalho. Guardou as folhas amareladas lá dentro e se encaminhou para o salão. Sua avó Muna o abordou na mesma hora.

– O que ela queria falar com você? – perguntou ela.

– Ah – respondeu Ari, vago. – Ela não acredita que o filho morreu e quer que eu vá à Inglaterra investigar. – Para dar ainda mais efeito, ele revirou os olhos.

– De novo não! – Muna revirou os próprios olhos de modo igualmente dramático. – Escute, eu posso lhe mostrar o atestado de óbito. O filho dela morreu quando tinha uns 3 anos. Ari, por favor... – Muna pousou uma das mãos no ombro do neto. – Não dê atenção à sua bisavó. Ela só fala nisso há anos. Infelizmente é apenas a ilusão de uma velha, e com certeza não vale a pena perder tempo com isso. Confie em mim. Eu venho escutando isso há muito mais tempo que você. – Sua avó sorriu. – Agora venha tomar uma última taça de champanhe com a sua família.



Ari embarcou no último avião de Bagdogra para Mumbai. Tentou se concentrar nos números à sua frente, mas o rosto de Anahita não parava de invadir

seu campo de visão. Sua avó tinha razão ao dizer que a mãe estava iludida, certo? No entanto, algumas coisas que sua bisavó tinha dito quando os dois estavam a sós, coisas que ela não poderia ter sabido a seu respeito, o haviam deixado perturbado. Talvez houvesse alguma coisa na história dela... talvez ele tirasse um tempo para dar uma olhada no manuscrito quando chegasse em casa.

Embora passasse da meia-noite, Bambi, sua namorada atual, estava no setor de desembarque do aeroporto de Mumbai para recebê-lo. Ele desfrutou um resto de noite agradável em seu apartamento com vista para o mar da Arábia, saboreando os prazeres do jovem corpo esbelto da moça.

Pela manhã, já atrasado para a reunião, ele estava preparando a pasta com os documentos de que iria precisar quando retirou os papéis que Anahita lhe entregara.

Um dia vou ter tempo para ler isto, pensou, antes de enfiar o manuscrito na gaveta de baixo da mesa e sair às pressas do apartamento.

Um ano depois

... Eu me lembro, filho. Na calada da noite, a mais leve brisa era um alívio abençoado para o calor seco interminável de Jaipur. Muitas vezes, eu e as outras mulheres e crianças da zenana subíamos até os telhados do Palácio da Lua e lá fazíamos nossas camas.

E, ao me deitar lá, olhando para as estrelas, eu ouço o doce e puro som do canto. E sei então que alguém que amo está sendo levado desta terra e delicadamente transportado lá para cima...

Acordo sobressaltada e vejo que estou no meu quarto em Darjeeling, não nos telhados do palácio em Jaipur. Foi só um sonho, procuro me reconfortar, desorientada, pois o canto continua em meus ouvidos. Mas tenho certeza de que agora estou acordada.

Tento recuperar os sentidos e compreendo o que isso significa: se eu estou no presente, alguém que amo está morrendo neste exato momento. Com o coração batendo cada vez mais depressa, fecho os olhos e visualizo minha família, sabendo que meu sexto sentido vai me dizer quem é.

Pela primeira vez, nada me ocorre. Estranho, penso eu, pois os deuses nunca erraram antes.



Mas quem...?

Fecho os olhos e respiro fundo lentamente, atenta ao que ouço.

Então eu sei. Sei com certeza o que me está sendo dito.

Meu filho... meu filho amado. Sei que é ele quem finalmente está sendo levado lá para cima.

Meus olhos se enchem de lágrimas e me viro para a janela, erguendo o

rosto para o céu em busca de conforto. Mas é noite alta, e lá fora há apenas escuridão.

Alguém bate de leve na porta. Em seguida, Keva entra, com um ar de preocupação.

– Madame? Ouvi a senhora chorando. Está se sentindo mal? – pergunta ela, atravessando o quarto e me encarando ao mesmo tempo que examina meu pulso para conferir os batimentos.

Balanço a cabeça em silêncio enquanto ela pega um lenço para secar as lágrimas que escorreram pelo meu rosto.

– Não – respondo, tranquilizando-a. – Não estou me sentindo mal.

– Então o que houve? A senhora teve um pesadelo?

– Não. – Ergo os olhos para ela, sabendo que ela não vai entender. – Acabo de perder um filho.

Keva me encara horrorizada.

– Mas como a senhora soube que madame Muna morreu?

– Minha filha não, Keva, quem morreu foi meu filho. Aquele que eu deixei na Inglaterra muito tempo atrás. Ele tinha 81 anos – murmuro. – Pelo menos teve uma vida longa.

Mais uma vez Keva me olha sem entender, e leva a mão à minha testa para ver se estou com febre.

– Mas, madame, o seu filho morreu faz muitos anos. A senhora devia estar sonhando – diz ela, tanto para convencer a si mesma quanto a mim.

– Pode ser – digo suavemente, sem querer alarmá-la. – Mas mesmo assim gostaria que você anotasse a hora e a data. É um momento que não quero esquecer. Pois a minha espera terminou, entende? – Abro-lhe um sorriso débil.

Ela faz o que eu peço: anota a hora, o dia da semana e a data num pedaço de papel e me entrega.

– Eu vou ficar bem agora, pode ir.

– Sim, madame – responde Keva com hesitação. – Tem certeza de que não está se sentindo mal?

– Tenho. Boa noite, Keva.

Quando ela sai do quarto, pego uma caneta na minha mesinha de cabeceira e escrevo uma breve carta para acompanhar a hora e a data da morte do meu filho. Também pego na gaveta seu atestado de óbito esfarelado. Amanhã pedirei a Keva que ponha tudo num envelope e envie para o advogado

encarregado de fazer meu inventário depois que eu falecer. Pedirei a ele que me telefone para que eu lhe dê instruções sobre para quem ele deve mandar o envelope quando eu morrer.

Fecho os olhos e desejo que o sono chegue, pois de repente me sinto desesperadamente sozinha nesta terra. Dou-me conta de que vinha esperando por esse momento. Agora que meu filho me deixou, enfim chegou a minha vez de segui-lo...



Três dias depois, de manhã, no horário habitual, Keva bateu à porta do quarto da patroa. Não ter resposta no começo era normal; ultimamente madame Chavan vinha dormindo até tarde. Keva passou mais meia hora cuidando da casa. Voltou e tornou a bater, e mais uma vez houve silêncio dentro do quarto. Como *aquilo* não era normal, Keva abriu a porta sem fazer barulho e viu que a patroa continuava em sono profundo. Só depois de abrir as cortinas enquanto tagarelava com ela sobre um assunto qualquer, como era o seu costume, percebeu que madame Chavan não estava reagindo.



O celular de Ari tocou enquanto ele dirigia no trânsito caótico de Mumbai. Ao ver que era seu pai, com quem não falava havia semanas, pressionou o botão do telefone para pôr a ligação no viva-voz.

– Pai! – exclamou ele, animado. – Tudo bem?

– Oi, Ari. Comigo tudo bem, mas...

Ari notou o tom grave na voz do pai.

– O que foi? – perguntou. – O que aconteceu?

– Sua bisavó Anahita. Ela faleceu hoje de manhã cedo.

– Ah, pai... Que notícia mais triste.

– Estamos todos tristes. Ela era uma mulher maravilhosa e vai deixar muita saudade.

– Sim. Pelo menos teve uma vida longa – disse Ari num tom consolador, ao mesmo tempo que desviava de um táxi que havia parado de repente na sua frente.

– Teve, sim. O funeral vai ser daqui a quatro dias, para dar tempo de a família se reunir. Seu irmão e sua irmã vêm, e todo mundo vai estar lá. Inclusive você, espero – acrescentou Vivek.

– Sexta agora, você quer dizer? – perguntou Ari, sentindo um aperto no peito.

– Sim, ao meio-dia. Ela vai ser cremada no *ghaat* de Darjeeling numa cerimônia só para a família. Vamos organizar uma homenagem para ela depois, já que muitas pessoas vão querer comparecer para celebrar sua vida.

– Pai – grunhiu Ari. – Nessa sexta vai ser impossível para mim, sério. Um potencial cliente vem dos Estados Unidos para conversar sobre a assinatura do contrato de software dele. Isso tiraria a empresa do vermelho da noite para o dia. Nem com a melhor boa vontade do mundo eu conseguiria estar em Darjeeling na sexta.

Fez-se silêncio do outro lado da linha.

– Ari – falou seu pai por fim. – Até *eu* sei que há momentos em que o trabalho deve ficar em segundo plano em relação à família. Sua mãe nunca o perdoaria, sobretudo Anahita tendo deixado claro na comemoração do seu centenário no ano passado que você era especial para ela.

– Sinto muito, pai – disse Ari, firme. – Mas não há nada que eu possa fazer.

– Esta é a sua decisão final?

– É a minha decisão final.

Ari ouviu baterem o fone no gancho do outro lado.



Na noite de sexta-feira, Ari chegou em casa eufórico. A reunião com os americanos correrá tão bem que eles haviam fechado negócio na hora. Ele ia levar Bambi para sair e comemorar, e tinha passado em casa antes para tomar um banho e se trocar. Pegou uma carta na caixa de correio na portaria e subiu de elevador até o décimo sexto andar. Dentro do apartamento, no caminho para o quarto, rasgou o envelope e leu o que havia lá dentro.

*Khan & Chauhan Advogados
Chowrasta Square
Darjeeling
Bengala Ocidental
Índia*

2 de março de 2001

Prezado senhor,

Segundo instruções de minha cliente Anahita Chavan, encaminho-lhe este envelope. Como o senhor já deve saber, madame Chavan faleceu alguns dias atrás.

Com minhas sinceras condolências,

Devak Khan

Sócio

Ari sentou-se na cama e se deu conta de que, por causa da reunião e dos preparativos que tivera de fazer com sua equipe, o funeral da bisavó tinha lhe escapado por completo dos pensamentos. Deu um suspiro profundo ao abrir o envelope que o advogado havia anexado à carta, duvidando que os pais algum dia fossem perdoá-lo por nem sequer ter entrado em contato nesse dia.

– Bem, paciência – falou para si mesmo com pesar, e desdobrou o pedaço de papel dentro do envelope para ler a carta anexa.

Meu querido Ari,

Quando você estiver lendo isto, eu já terei partido. Junto a esta carta seguem os detalhes da morte de meu filho Moh. A data e a hora exatas em que ele morreu. Segue também seu atestado de óbito original. Como você poderá ver, as datas não coincidem. Isso não deve significar nada para você agora, meu querido bisneto, mas no futuro, caso você decida investigar o que aconteceu com ele, talvez ambas as datas sejam relevantes.

Enquanto isso, até nos reencontrarmos em outro lugar, deixo-lhe o meu amor. Lembre-se sempre de que nós nunca somos realmente senhores de nosso destino. Use seus ouvidos para escutar, seus olhos para ver, e sei que você saberá o que fazer.

Sua bisavó que o ama,

Anahita

Ari suspirou. Realmente não estava com disposição nem para as superstições da bisavó, nem para pensar no quanto seus pais deviam estar bravos com ele agora. Não queria que nada atrapalhasse sua alegria naquela noite.

Ligou o chuveiro e o aparelho de CD ao lado da cama e se posicionou debaixo do jato d'água enquanto escutava a música bate-estaca.

Após vestir uma camisa e um de seus ternos feitos sob medida, desligou a música, e estava prestes a sair do quarto quando a carta de Anahita lhe chamou a atenção. Por instinto, tornou a dobrar as folhas de papel e a guardá-las dentro do envelope, que colocou na gaveta junto com o manuscrito amarelado. Então apagou as luzes e saiu.

CONHEÇA OS LIVROS DE LUCINDA RILEY

A garota italiana
A árvore dos anjos
O segredo de Helena
A casa das orquídeas
A carta secreta
A garota do penhasco
A sala das borboletas
A rosa da meia-noite

SÉRIE AS SETE IRMÃS

As Sete Irmãs
A irmã da tempestade
A irmã da sombra
A irmã da pérola
A irmã da lua
A irmã do sol

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

